



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA

ANDRÉIA CRISTINA SILVA DOS SANTOS

**PESQUISA E EXTENSÃO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE EM
MEIO AOS POVOS INDÍGENAS APINAYÉ**

IMPERATRIZ-MA

2022

ANDRÉIA CRISTINA SILVA DOS SANTOS

**PESQUISA E EXTENSÃO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE EM
MEIO AOS POVOS INDÍGENAS APINAYÉ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal do Maranhão/CCSST, como requisito parcial para a conclusão do curso de Pedagogia/Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Witembergue Gomes Zaparoli.

IMPERATRIZ-MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor (a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

SILVA DOS SANTOS, ANDRÉIA CRISTINA.
PESQUISA E EXTENSÃO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
DOCENTE EM MEIO AOS POVOS INDÍGENAS APINAYÉ / ANDRÉIA
CRISTINA SILVA DOS SANTOS, Adriano Borges da Silva. -
2022.
52 p.
Orientador (a): Witembergue Gomes Zaparoli.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz-MA, 2022.
1. Educação. 2. Extensão. 3. Indígenas. 4.
Interculturalidade. 5. Pesquisa. I. Borges da Silva,
Adriano. II. Gomes Zaparoli, Witembergue. III. Título.

ANDRÉIA CRISTINA SILVA DOS SANTOS

**PESQUISA E EXTENSÃO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE EM
MEIO AOS POVOS INDÍGENAS APINAYÉ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal do Maranhão/CCSST, como requisito parcial para a conclusão do curso de Pedagogia/Licenciatura.

Aprovado em _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Witembergue Gomes Zaparoli
Universidade Federal do Maranhão-UFMA
(Orientador)

Prof. Dra. Karla Bianca de Souza Monteiro
Universidade Federal do Maranhão-UFMA

Adriano Borges da Silva
(PPGFOPRED)
Universidade Federal do Maranhão-UFMA

Dedico este trabalho em especial aos meus filhos: Gabriel, Nicolas e Nathan, vocês são a minha motivação diária e a razão de minha existência. A força que tenho diante das adversidades flui quando lembro que Deus a mim os confiou. Gratidão a Deus por suas vidas!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu bom Deus por ter me concedido forças para chegar até aqui. Como também por ter colocado pessoas incríveis no meu caminho nesta graduação. Aos meus familiares em especial meu esposo Eliseu, que alimentou em mim o sonho de perseguir meus anseios quanto a minha formação em Pedagogia. Agradeço também a todos os meus professores que muito contribuíram nesta minha autoconstrução, cada um a sua maneira me fizeram acreditar que conseguiria. Agradeço de maneira toda especial ao meu querido orientador na pessoa do Prof.^o Dr. Witembergue Gomes Zaparoli, este me acolheu sempre que foi necessário, exortou-me da maneira mais suave possível e acreditou em mim, aceitando-me como sua orientanda e ainda me apresentando ao universo do povo Apinayé. Agradeço também ao meu parceiro de jornada Adriano Borges pela força nesta construção, a Ana Cléa soares Mendes, técnica do curso e hoje uma de minhas melhores amigas sempre me animando a seguir adiante.

RESUMO

Este estudo objetiva primordialmente que os povos indígenas sejam vistos como sujeitos de direitos e que, portanto, mereçam ser respeitados e ainda contribuir para a exclusão de ideias equivocadas e depreciativas com respeito aos indígenas. A prevalência de uma série de enganos com relação aos povos originários desde a colonização tem sido uma grande barreira para a subsistência dos mesmos em todos os aspectos. Neste âmbito com os objetivos de dialogar sobre as questões indígenas trazendo à tona as discussões envolvendo estes povos e ainda refletir sobre a sua importância para a sociedade bem como ampliando a visão de que estes sujeitos com suas especificidades, línguas e costumes diversos compõem nossa identidade ancestral enquanto nação. O presente estudo terá como âncora a abordagem qualitativa de pesquisa que se fundamenta em teóricos que trabalham com o enfoque na realização de pesquisa de campo neste caso, vivenciadas no contexto da aldeia. Na visão de Severino (2013, p. 76), na pesquisa de campo o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é realizada nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem sendo assim diretamente observados. A proposta é que a priori ocorra a observação do contexto, de como se delinea, lançando mão de um diário de campo para que sejam registradas todas as situações que esclareçam as hipóteses levantadas a partir das vivências. No contexto do Brasil colônia, os povos indígenas depararam-se com constantes lutas pela subsistência a tantas dissonâncias, pois seu lugar de pertencimento, as terras não mais lhes pertenciam, bem como suas religiões, linguagens e costumes, suas mulheres e filhos. Além de terem que sujeitarem ao modelo de trabalho imposto pelos não indígenas vindos de Portugal. Como afirma Gomes (2012, p. 75): “O projeto colonial jamais permitiu variações além do que aquelas que fixavam por princípio a posição dos povos indígenas como súditos do rei, vassalos em sua própria terra e seres socialmente inferiores aos portugueses”. Neste sentido a imposição de costumes que não conversavam com os costumes e hábitos dos povos indígenas eram terríveis devido à perda da identidade de alguns povos. Na visão de (Gomes, 2012), mesmo havendo suscitado discussões em relação aos direitos indígenas e de sua soberania enquanto povo, as práticas de trabalhos escravos e demais ações de violência e descaso foram sempre mantidas, em nome do crescimento econômico da nação. A Constituição de 1988 é um marco legal que traz consigo avanços no que diz respeito aos direitos dos povos com suas especificidades direito de todos com direcionamentos de ações uniformes e garantias do respeito as especificidades. Ao longo de minha graduação no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, participei ativamente todos os anos das visitas técnicas à aldeia São José dos povos indígenas Apinayé em Tocantinópolis-TO. Estas visitas proporcionaram-me momentos ímpares de socialização e vivências com as crianças e adultos indígenas tanto na escola quanto na aldeia. Eram momentos riquíssimos envolvendo interculturalidade e troca de saberes e ainda experiências vastas de ensino/aprendizagem. A oportunidade de pesquisa e extensão in loco proporcionaram-me uma gama de novos conhecimentos e ainda a resignificação de conceitos equivocados. Educação para as minorias faz-se necessário, porém minhas pesquisas elucidaram uma diferença nítida entre Educação Indígena e Educação Escolar. Uma refere-se aos processos intrínsecos e únicos de cada povo na produção de conhecimento. Já a outra trata da mera

transmissão de conhecimentos advindo de espaços não indígenas, utilizando a escola como ambiente propício para tal feito. Tais reflexões reafirmam a necessidade de concretização e propagação dos objetivos supracitados. Na intenção de evidenciar estes novos conhecimentos trago aqui minha história pessoal e o encontro com o tema, uma abordagem histórica do povo Apinayé bem como os relatórios detalhados com imagens das visitas técnicas a aldeia.

Palavras-chave: Pesquisa, Extensão, Indígenas, Interculturalidade, Educação.

ABSTRACT

This objective study is indigenous peoples as subjects of primordial rights and that still contribute to the exclusion of equivocal and derogatory visas with respect to indigenous people. During my visit to the villages in the Pedagogy course at the Federal University of Maranhão-UFMA, I actively participated every year in São José dos Indigenous Peoples the village of Tocantinópolis. These visits provide me with unique moments of socialization and experiences with indigenous children and adults at school as well as in the village. These were very rich moments of interculturality and exchange of knowledge, as well as vast teaching/learning experiences. The opportunity for research and extension in loco will provide me with a range of new knowledge and also a re-signification of misconceptions. Education for minorities is necessary, my research elucidates a clear difference between Indigenous and School Education. A reference to the intrinsic and unique processes of each people in the production of knowledge. The other, on the other hand, deals with the mere transmission of knowledge from non-indigenous spaces, using the school as a propitious environment for this purpose. Such searches are identified and identified from the aforementioned objectives. With the intention of highlighting this new knowledge, I bring here my personal history and the encounter with the theme, a historical approach of the Apinayé people as the detailed reports with images of the technical visits to the village.

Keywords: Research, Extension, Indigenous Peoples, Interculturality, Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1	Avenida Castelo Branco, 470-Santa Inês- MA.....	11
Foto 2	Vó Chiquinha.....	12
Foto 3	Professora Luciene... 13	
Foto 4	Pátio da antiga Escola Adelina Lopes, atual Escola Mutirão em 1999. Da esquerda para a direita: Amanda (in memorian), Willianne(amiga), Polly a (amiga, Andréia(eu).....	14
Foto 5	Amigos da Educação de Jovens e Adultos EJA.....	16
Foto 6	Francisco e eu.....	17
Foto 7	Meu esposo Eliseu e meus filhos.....	18
Foto 8	Felipe e eu meus Pais.....	19
Foto 9	Prof. ^a Doutora Herli de Souza Carvalho.....	21
Foto 10	Praia da Mamuna /Alcântara- MA.....	22
Foto 11	Integrante do Subprojeto.....	26
Foto 12	Estrutura da Aldeia.....	31
Foto 13	Escola da aldeia São José.....	36
Foto 14	Desenho de uma criança Apinayé.....	37
Foto 15	Escola da aldeia São José semana do brinca.....	38
Foto 16	Apresentação dos alunos indígenas na escola da aldeia São José semana do brinca.	40
Foto 17	Crianças indígenas brincando no rio da aldeia.....	42
Foto 18	Brincadeiras com as crianças indígena na semana do brinca.....	43
Foto 19	Escola Estadual Indígena Mãty.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 MEU MEMORIAL E APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA.....	11
1.1 O Projeto-Alcântara-Maranhão (ALMA) e EU.....	20
1.2 Um encontro com os povos indígenas.....	22
1.3 Uma residente ledora em meio ao processo de ensino/aprendizagem na modalidade remota.....	24
2. HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS COM O POVO INDIGENAS APINAYÉ.....	27
2.1 ENTRE AS ALDEIAS APINAYÉ.....	28
2.2. A ESCOLA NO MEIO APINAYÉ.....	32
3.RELATÓRIOS DAS VISITAS TÉCNICAS Á ALDEIA SÃO JOSÉ DO POVO INDÍGENA APINAYÉ	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

Atualmente as discussões a respeito dos povos indígenas têm sido acirradas no sentido de colocá-los como vilões que atrapalham o desenvolvimento econômico da sociedade. Porém esquece-se que eles já habitavam este território e a história é justamente o contrário.

Vivemos em um contexto de distorções onde a visão e a ideia equivocada a respeito dos povos indígenas tem se disseminado outrora, sutilmente, porém na atualidade de maneira mais visível e direta. Trazendo como objetivos gerais: reconhecer os indígenas como sujeitos de direitos e que, portanto devem ser respeitados e ainda analisar ideias equivocadas e depreciativas a respeito dos povos indígenas. E como objetivos específicos escrever da história de luta e resistência destes povos e relatar conhecimentos coletados ao longo de minha autoformação. Segundo o ponto de vista de Severino (2007, p. 123-4), A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade ela é uma preparação para a pesquisa explicativa. Através do convívio com os povos indígenas, este trabalho traz como objeto de estudo a construção de minha identidade docente através da pesquisa e extensão.

Para MATOS e VIEIRA (2001) a metodologia da pesquisa é uma prática profissional que se consegue na prática de certo disciplinamento científico, que faz do ato de pesquisar um condutor de leitura ordenada dos significados e do que estes implicam. Na visão de SEVERINO (1997), a pesquisa é, sobretudo uma aprendizagem que ocorre ao fazer.

Na concepção de FREIRE (1983), a extensão delinea-se sobretudo na indissociabilidade com o ensino e pesquisa. Para ele a extensão é promotora de um processo que se constrói nos vieses da interdisciplinaridade no contexto educativo, cultural, científico e político. É, portanto um elo de interação e transformações emancipadoras dos envolvidos.

Já para (TARDIF, 2004), a prática docente exige o emprego de conhecimentos plurais e diversificados, sendo que muitos destes têm sua construção iniciada durante o processo de formação inicial do professor,

colocando-o em evidência, como sujeito da produção de seus saberes, por natureza, múltiplos e amplamente caracterizados pelo fator social.

De acordo com (PIMENTA, 2000), a base está na formação inicial do professor, que por meio da mobilização do estudo das teorias da educação, da didática, o futuro professor vai incorporando o ensino como uma prática social.

Atualmente as discussões a respeito dos povos indígenas têm sido acirradas no sentido de colocá-los como vilões que atrapalham o desenvolvimento econômico da sociedade. Porém esquece-se que eles já habitavam este território e a história é justamente o contrário.

Estes povos eram muito numerosos quando os europeus aqui chegaram e hoje muitas etnias desapareceram, outras perderam a própria identidade devido a situação de imposição de convivência com outros costumes. Neste sentido coloco aqui a importância de conhecermos mais destes sobreviventes que lutam por seus territórios e pela manutenção de sua vida e cultura.

O povo Apinayé tem sido no decorrer de minha graduação alvo de minhas visitas e pesquisas desde quando entrei na Universidade. Isto se deu por influência do Grupo de Pesquisa em Diálogos Interculturais e Práticas Educativas-DIPE, sob a orientação do Profº Dr. Witembergue Gomes Zaparoli. Uma vez participando das atividades de extensão na aldeia, nunca mais quis desvincular-me. O efeito foi justamente o contrário, a cada momento vivenciado na aldeia, a vontade de conhecer e conviver intensificava-se.

A metodologia de construção e elaboração deste trabalho se deu por meio de observação participante com visitas técnicas. À luz dos seguintes teóricos fundamento-me: ALBUQUERQUE (2007), BRANDÃO (1981), BESSA (2003), FREIRE (2006), JUNQUEIRA (1999) GOMES (2012), da MATTA (1976), NIMUENDAJU (1983), PEREIRA (2020), ZAPAROLI(2016).

. Para tanto, esta monografia encontra-se organizada em três capítulos: no primeiro encontra-se meu memorial e aproximação com temática por mim escolhida; o segundo traz uma abordagem teórico - histórica dos povos indígenas Apinayé; e o terceiro contém relatos das experiências vivenciadas no contexto da aldeia.

1. MEMORIAL E APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA

O ser humano que aqui tem a honra de partilhar um pouco de sua história nomeia-se por **Andréia Cristina Silva dos Santos**, nasci dia 31/05/1984, na cidade de Santa Inês-MA. Segunda filha de Ivonete Silva, 'paneleira' e Walmir Feitosa dos Santos, zelador. Minha mãe tem uma história bastante comum à das inúmeras mulheres negras do nosso Estado. Com 11 anos de idade, saí da casa de meu pai, para trabalhar na casa da mãe de meu pai. Por lá conheceu meu pai e os dois se casaram ainda na adolescência, como era de costume na época. Assim minha avó paterna (Vó Maria) nunca aceitara o relacionamento dos dois o que causava muito atrito e desconforto na minha família. Éramos três irmãs, porém só eu saí negra como minha mãe, portanto meus avós paternos não me aceitavam por conta de minha semelhança física com ela. E minha mãe não tinha familiares mais próximos, então a única família que tínhamos como referência era a de meu pai.

Abro um parêntese aqui, para citar que em meio a esta ciranda de vivências equivocadas e carregadas de muito preconceito, havia uma presença doce e acalentadora de certa bisavó. Esta era mãe de minha temida Vó Maria, era exatamente o oposto de sua filha. Havia educado meu pai com muito amor, carinho e dedicação, pois naquele contexto era muito comum, as filhas entregarem seus filhos para os avós cuidarem, e isto felizmente aconteceu com meu pai. Minha bisavó o educara e por acreditar que sou escolhida por Deus, esta linda criatura também ajudou minha mãe a cuidar de mim e de minhas irmãs. Não posso deixar de relatar a Vó Chiquinha, pois tenho nela a referência mais significativa da palavra "amor". Ela era tão amorosa conosco que sua casa, sua cama cheirava a doçura e eu ficava muito feliz quando tinha a oportunidade de ficar perto dela. Na minha visão de criança ali era o lugar mais seguro e agradável.

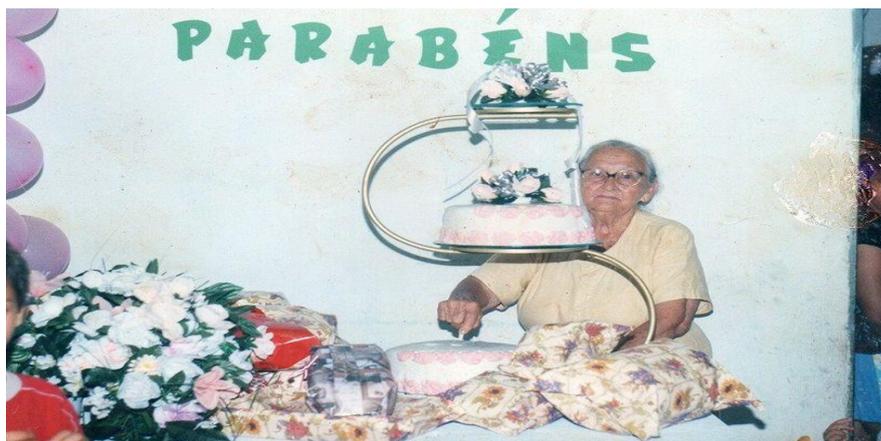
Foto 1: Avenida Castelo Branco, 470-Santa Inês- MA



Fonte: arquivo pessoal.

Na casa da Vó Chiquinha, tinha açai colhido, amolecido com água morna e batido com garrafa de vidro, tinha manga rosa e “banana coruda” no “petisqueiro”. E como se não bastasse, tinha pão caseiro saído do forno no pôr do sol das sextas feiras. Tudo feito com muito zelo e dedicação para que fôssemos servidas e aprendêssemos a servir. É tanto que ninguém da família além de nós (Adriana e eu) tem a receita deste pão.

Foto 2: Vó Chiquinha



Fonte: arquivo pessoal

Atualmente rememoro e percebo que este anjo de bisavó salvou minha infância e que é nela que me referencio quando tenho que olhar o outro como empatia, amor e dedicação. A Vó Chiquinha acreditava e me dizia que tudo ficaria bem. Nunca me disse que seria fácil, uma mulher além de seu tempo, sabia muito bem que não poderíamos ser e agir como antigamente e aceitava os novos comportamentos com muita naturalidade. Devo a esta grande mulher parte do que consegui ser até a atualidade. Como se diz, “a minha parte boa”.

Mesmo tendo minha bisavó intermediando, as relações no seio da família eram difíceis, cresci com uma imagem muito negativa de mim mesma.

Assim como eu ouvia ainda muito criança que “eu não prestava para nada, igual minha mãe”. Comecei a acreditar nisso e quando iniciei a vida escolar era a mesma coisa. Levei todas essas ideias ruins e depreciativas a meu respeito. Lá na cidade tinha-se o costume de colocar as crianças na Luciene, que era como um reforço, antes de irem para a escola. Eu fui com muito medo, pois lá imperava a palmatória para meninos “burros e indisciplinados”, pois sabia que era “burra como minha mãe”.

Assim quando comecei a frequentar a Luciene, por medo eu aprendi a cartilha do A, B, C muito rápido, sem nenhuma dificuldade e quando fui para a 1ª série, já sabia ler, escrever e as noções matemáticas mais simples. Então nunca enfrentei maiores problemas quanto a esta questão. Fazia minhas tarefas sozinha, pois minha mãe é quase analfabeta e não tinha e nunca teve condições de nos ajudar neste sentido. Minha irmã mais velha era considerada a mais inteligente, pois ela era branca e puxou para meus familiares paternos. Todos acreditavam nisso, inclusive eu. Porém, aprendi a ler e escrever logo.

Já no oitavo período do curso de Pedagogia daUFMA, voltei a Santa Inês e reencontrei a professora Luciene, identifiquei-me e pedi para que tirasse uma foto comigo ela gentilmente aceitou, segue a imagem:

Foto:3 Professora Luciene



Fonte: arquivo pessoal

Quanto a metodologia utilizada era aquela do “bê-á-bá”, o ensino tradicional, com o caráter rígido e por vezes com a utilização da palmatória que perdurou por muito tempo nas práticas pedagógicas. Um dia questionei minha professora, por que bê-á-bá e não b com a? Ela sorriu olhou para mim e disse que eu tinha razão, porém tinha que ser assim mesmo. Como enfatiza Lemos (2005, p.15).

O uso da palmatória foi introduzido pelos jesuítas, como forma de disciplinar os indígenas resistentes à aculturação. A prática foi perpetuada pela escravidão africana. Os senhores a utilizavam como um dos muitos castigos aplicados aos negros desobedientes. No século XIX, quando a educação dava seus primeiros passos em nosso país, a palmatória migrou para a escola.

Segui os estudos sempre depois de dar conta de todas as tarefas domésticas, sem nenhuma reprovação, e ainda ajudando minha irmã caçula, que se alfabetizou comigo em casa brincando de escolinha com uma professora mais jovem que a Luciene, chamada Célida.

Professorinha desde muito cedo. Assim cursei o ensino fundamental e quando cheguei na 8ª série, atual 9º ano, apaixonei-me por Vinícius de Moraes, José de Alencar, Machado de Assis, Rachel de Queiróz. Minha mãe não tinha condições financeiras de comprar estas literaturas, e não havia biblioteca na escola, então meus colegas compravam, e eu esperava eles lerem e tomava emprestado. Tinha pouco tempo, mas conseguia ler e fazer o que a professora pedia.

Foto 4: tirada no pátio da antiga Escola Adelina Lopes, atual Escola Mutirão em 1999. Da esquerda para a direita: Amanda (in memorian), Willianne(amiga), Polly a (amiga, Andréia(eu)).



Amigos da escola Adriana minha irmã

Da minha Educação Infantil foram poucos os momentos de descontração, porém lembro-me com muita nitidez a vontade que eu tinha de ter massinha de modelar e uma “molinha”, que era um brinquedo muito famoso na época, porém não dava. Ainda em Santa Inês, uma vizinha me levou uma vez na biblioteca da cidade e fiquei encantada com a história de João e o pé de feijão, assim para Froebel (1896, p. 55):

Brincar é a atividade mais pura, mais espiritual do homem neste estágio, e, ao mesmo tempo, típico da vida humana como um todo – a vida natural

interna escondida no homem e em todas as coisas. Ele dá, assim, alegria, liberdade, contentamento interno e descanso externo, paz com o mundo. Ele assegura as fontes de tudo que é bom. Uma criança que brinca por toda parte, com determinação auto-ativa, perseverando até esquecer a fadiga física, poderá seguramente ser um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção deste bem-estar de si e de outros. Não é a mais bela expressão da vida da criança neste tempo o brincar infantil? A criança que está absorvida em seu brincar? A criança que desfalece adormecida de tão absorvida? (...) brincar neste tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação.

Retomando minha adolescência, terminei a 8ª série e queria muito estudar no antigo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), atual Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Encontrei um professor que juntou um grupo de alunos para dar reforço, principalmente em matemática e estudei dias a fio. Porém quando abriram as inscrições meus pais se negaram a pagar a taxa, alegando que minha irmã mais velha não conseguiu ser aprovada, eu também não conseguiria e me matriculei na escola Graça Aranha para cursar magistério em nível normal. Fiquei muito decepcionada com isso, pois me sentia preparada para fazer o seletivo.

Assim cursei quatro anos de magistério e chegando no meu 3º ano, encontrei-me com uma pessoa que mudou tudo que eu pensava de ruim a meu respeito, minha eterna professora de Prática de Ensino: Ilma Maria de Oliveira Silva, a quem tenho muito apreço e de quem eu herdei a paixão pela docência.

Nesta fase da minha vida já tinha me casado e era mãe de Gabriel, meu primogênito. Foi um contexto tão difícil que jamais poderia imaginar os males que um casamento precoce e sem nenhum preparo emocional e financeiro causaria. Fiquei grávida e precisei me ausentar da escola por um ano. Minha mãe enfatizava todos os dias o meu mau passo, pois tive que morar com ela e não tinha sequer um chinelo para calçar. Ela colocou que jamais eu voltaria para a escola e quando meu filho tinha seis meses ela me deu uma surra de cabo de vassoura, que fiquei longos dias cheia de hematomas. Porém, vivendo tudo isso, acalentava em mim o sonho de concluir o Magistério, pois só faltava um ano. Fiquei quieta e pedindo forças a Deus para continuar.

Quando meu filho completou seis meses, eu aprendi a ordenhar o leite materno e fui fazer minha matrícula na Escola Graça Aranha, caminhando pois não tinha condições financeiras nem de pagar uma passagem de ônibus coletivo. Acordei cedo e esperei minha mãe sair de casa, deixei meu filho com minha Vó Chiquinha e fui. Estava temerosa, achando que a escola não me aceitaria de volta.

Porém, para minha surpresa fui muito bem recebida pela secretária, Maria Luiza Barcelar, que me falou palavras de ânimo, o que me encorajou. Voltei para casa feliz da vida, parecia que tinha ganhado o maior dos presentes. Sabia que agora seria mais difícil, porém estava decidida.

Todos os dias era um desafio, mas eu gostava muito de estudar. Quando estava na escola, sentia-me importante para mim mesma. Encontrei a professora Antônia Marcia, Ilma Maria, que sempre me encorajavam, davam forças, inclusive ajudas financeiras. Eu amamentava, tinha fome, a manhã era grande, minhas aulas iniciavam as sete da manhã e terminavam ao meio dia. Porém eu entrava para a sala de aula e me concentrava no que tinha para estudar.

Foto 5: última turma de magistério da Escola Graça Aranha



Fonte: arquivo pessoal

Fazia meus trabalhos com muito cuidado, agora sabia que se faltasse material tinha meus professores como aliados. Com o companheirismo da Vó Chiquinha, consegui concluir meus estágios de regência nas escolas municipais da rede. No quarto ano, fiz estágio noturno com os alunos da Educação de Jovens e Adultos–(EJA), o que facilitou conciliar com o curso e minhas obrigações de mãe.

Vejo a grandeza do que é ser um professor, o quanto podemos ser úteis para a salvação da vida de pessoas que como eu, tinham tudo para dar errado.

Quando concluí o Magistério, tinha o objetivo de continuar estudando, porém a vulnerabilidade financeira me fez prestar um concurso para a merenda escolar, onde teria mais chances, na minha visão. Passei e fui trabalhar para sustentar meu filho, onde permaneci dez anos trabalhando. Agora com um trabalho, não tinha mais

ânimo para voltar aos estudos. Trabalhava, trabalhava somente. Sonhava em estudar Pedagogia. Não me via em outra profissão.

Em 17 de maio de 2007, todos os meus sonhos ficaram congelados, pois quem mais me incentivou, me animou nesta vida, partiu. Perdi minha tão amada Vó Chiquinha. Não estava doente, estava cozinhando uma galinha caipira, quando caiu acometida por um Acidente Vascular Cerebral. Foi socorrida, porém naquele mesmo dia senti o que identifico como a pior das dores de minha existência. Não sei descrever o que senti, só sei que ao relatar este ocorrido neste memorial meu peito sangra e eu não consigo sequer visualizar a tela deste meu computador velho de guerra e meu corpo estremece.

O baque só não foi maior, por que exatamente 15 dias depois de colocar meu lindo amor na sepultura, minha irmã caçula Amanda Silva dos Santos, 20 anos de idade, falece também de um agressivo câncer de estômago, deixando Francisco Walmir dos Santos Martins, seu primeiro filho com apenas seis meses de vida.

Agora notemos o seguinte: a Vó Chiquinha faleceu em 16 de maio de 2007, Amanda minha irmã caçula faleceu há exatamente 15 dias depois deste terrível dia. Considerando que estávamos em maio, isto dá exatamente no dia 31/05/2007, dia em eu completei meus 23 anos de idade. Ou seja, perdi minha irmã no dia do meu aniversário. Chego a ter arrepios, quando lembro a marca que carrego e como lamentei ter que viver este dia. Assumi juntamente com meus pais a incumbência de cuidar de Francisco até quando ele puder conduzir sua vida e assim estamos fazendo. Hoje Francisco tem 15 anos e cursa o 1º ano do Ensino Médio.

Foto 6: Francisco e eu



Fonte: arquivo pessoal

Em 2009, ainda trabalhando na merenda fiquei gestante do meu segundo filho: Nicolas Santos de Carvalho. Quando Nicolás tinha 15 dias de nascido, seu pai com quem eu era casada achou que era o melhor momento para nos abandonar e assim o fez. Fiquei sozinha, com um filho de oito anos e um bebê com 15 dias de nascido. Amarguei este abandono, calada, sem murmurar, engoli seco e voltei ao trabalho, pois agora eram duas crianças dependendo de mim. Segui em frente e novamente veio a vontade de estudar. Porém quando eu olhava as dificuldades esmorecia e comecei a ver-me incapaz de conseguir enfrentar o vestibular.

Em 2011, conheci meu atual marido Eliseu Farias Oliveira. Casamo-nos e fomos morar na cidade de Curitiba-PR, tivemos meu terceiro filho: Nathan Marcos dos Santos Farias Oliveira. Meu esposo sempre falava para eu voltar a estudar. Apresentou-me a tecnologia, colocou computador em casa, internet e comecei a estudar para um concurso da cidade de Curitiba. Fiquei bem colocada, candidatei-me também ao ENEM e direcionei para o curso de Pedagogia da UFMA de Imperatriz. Quando vi o resultado mudei-me de volta para o Maranhão, já estudando aqui, fui chamada para a vaga do concurso, porém optei em ficar estudando em Imperatriz mesmo.

Foto7: Meu esposo Eliseu e meus filhos: Gabriel, Nicolás e Nathan



Fonte: arquivo pessoal

Eu ainda não citei Felipe Thomé Silva dos Santos. Este é meu irmão que minha mãe adotou quando eu tinha 10 anos de idade. Ajudei a cuidar dele desde bebê. Felipe era muito amado. Porém quando tinha apenas 11 anos de idade, recebemos o diagnóstico que ele tinha Diabetes Mellitus tipo1. Vivia, estudava, mas

sempre inspirando cuidados. Lembro-me da sua felicidade quando voltei de Curitiba, pois era muito apegado a mim. Ficou orgulhoso por eu voltar a estudar, era muito bom em tecnologia e juntamente com Eliseu me auxiliava com os slides quando necessário.

Foto 8: Felipe e eu meus pais; Walmir e Ivonete



Fonte: arquivo pessoal

Em 2017 a Diabetes deixou Felipe cego. Mesmo assim ele era animado, sonhava em estudar. Eu o apresentei a Raimundo meu colega de curso que também é cego. E Raimundo o levou para a Associação dos Deficientes Visuais de Imperatriz, e Felipe estava seguindo os passos de Raimundo, o que me deixava feliz. Porém em novembro de 2018 Felipe entrou em coma diabético evoluindo para o óbito.

Tenho que deixar registrado aqui, o quanto fui acalentada por todo o corpo docente e colegas discentes da UFMA, e em especial meu orientador e a estas alturas, amigo de todos os momentos Witembergue Gomes Zapparoli o 'Bergue'. A tristeza e a dor tomaram conta de mim, eu estava no meio do semestre de 2018.2, mas eu tinha que continuar. Contei com a compreensão de meus professores que foram unânimes, esperaram-me até eu conseguir retomar.

Hoje sei e acredito que sou escolhida pela Pedagogia e não o contrário e carrego o legado de nunca deixar que alguém que converse e tenha contato comigo saia pior do que quando chegou. Entendo que cada ser é uma fonte inesgotável de saberes, e que eu sempre posso aprender algo com alguém nas mais diversas

situações e contextos. Na minha visão, que ainda está e sempre estará em construção, tudo serve para que eu me torne cada dia melhor e para que eu seja luz na vida de alguém que esteja necessitando. E a negrinha burra, filha da negra da cozinha, será a primeira pessoa da família, que caminha rumo a uma graduação na academia. Quando tentei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), fui alvo de muitas críticas, porém como sempre não me fizeram e nem me farão desistir desta caminhada que faz com que meus filhos se encham de orgulho de ter uma mãe estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão.

Neste momento irei colocar aqui meus escritos relacionados ao projeto ALMA.

1.1 O Projeto-Alcântara-Maranhão (ALMA) e EU

Já na universidade, encontrei-me com a professora Herli de Sousa Carvalho, que no meu primeiro dia de aula tive uma impressão muito negativa achando que esta, era uma pessoa cruel, devido sua fisionomia sisuda, imponente. Assim tive a primeira disciplina com a professora Herli que era chamada de Produção Textual.

Á priori, elaborávamos textos dentro da norma culta, um bem mais estruturado que o outro, achando que era esse o objetivo da professora, porém para minha surpresa fui informada que minha nota era eu que me daria. Faríamos uma auto avaliação coletiva! Imaginamos tanta coisa! Cogitamos até que se nos déssemos um 10, por exemplo, que esta nota depois nos seria retirada por vingança da professora. Assim aos poucos fomos nos adaptando a metodologia única da Professora Herli e ainda hoje guardo com muito carinho os registros daqueles momentos que me ajudaram muito durante o curso e cultivo o hábito de escrever os momentos de aprendizagem em sala, em cursos, em palestras, em viagens com a universidade e nas situações que desejo que se perpetuem na minha memória.

Foto 9 : Prof.^a Doutora Herli de Souza Carvalho

Fonte: arquivo pessoal

Foi nesse exercício diário de aprendizagem que passei a ter uma visão protagonista de minha autoformação na UFMA e me afeiçoei tanto a professora Herli que passei mais tempo em sua companhia. Neste sentido, coloca Larrosa Bondía (2002, p. 27): “O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna”.

Ela deixou de ser minha professora no segundo semestre, porém eu pedi que ela me colocasse no Projeto Alcântara – Maranhão (ALMA), que é um projeto de pesquisa e visitas à cidade de Alcântara aos quilombos e agrovilas ao seu redor. Assim passei a fazer parte deste grupo de pesquisa, retornei a Alcântara (cidade onde passei parte de minha infância) e vivi emoções tão fortes que quando rememoro nestes momentos de escrita, chego a ter palpitações e não consigo conter as lágrimas. Sobre este aspecto, reporto-me a Larrosa Bondía (2002, p. 26) enfatizar que “É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar-nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. Foi um reencontro comigo mesma, e ainda tive a chance de conhecer e conviver com colegas de outros períodos do curso de Pedagogia, como também de outros cursos.

Foto 10 : Praia da Mamuna /Alcântara- MA



Fonte: Arquivo pessoal

A riqueza das simbologias e rituais da Festa do Divino foram por mim vivenciadas e registradas, bem como a visita aos museus, a Ilha do Livramento e aos quilombos. Estas me causaram grande reflexão e impacto ao ver tão de pertinho o sofrimento do povo negro que me antecederam, e contemplar na atualidade este povo vivendo, compartilhando suas histórias, suas festas e suas vidas. Pude entender a razão de muitos costumes e falas da minha vivência nas quais jamais tinha imaginado! Assim me vi como realmente sou uma visão consciente, passando a perceber que faço parte de um povo sobrevivente e que tenho um legado de luta e resistência. A partir deste ponto reportarei os meus escritos as minhas vivências com os povos indígenas.

1.2 Um encontro com os povos indígenas.

Um dos momentos mais marcantes de minha trajetória de aprendiz da docência consiste na minha primeira visita técnica a Aldeia São José, próximo a cidade de Tocantinópolis no estado do Tocantins, dos povos indígenas Apinayé. A ida a aldeia me proporcionou momentos ímpares de aprendizagem e convívio com os povos indígenas. Primeiramente quando chegamos à aldeia senti-me muito bem acolhida pelos indígenas, fomos para a escola e percebi que todos estavam no espaço escolar, inclusive os mais velhos da aldeia, sentados em um lugar considerado pelos indígenas como lugar de honra em sinal de respeito, considerando assim que os ancestrais são muito importantes para a identidade de

um povo, como também para a perpetuação de seus rituais e costumes. Foram momentos riquíssimos onde pude perceber valores nos quais admiro muito, e ainda a maneira como as crianças são conduzidas e direcionadas pelos docentes da escola da aldeia.

Logo após estes momentos na escola, fomos conduzidos para as casas da aldeia e fomos muito bem recebidos de maneira tão cordial, onde as mulheres nos ofereceram sua cozinha para que eu pudesse fritar frango. Seu fogão, seus utensílios de cozinha, e até sua comida (que quando chegamos lá já estava pronta) tudo muito simples e com muita boa vontade. Almoçamos, tomamos banho no riacho, e particularmente senti-me muito bem lá e passei a ter um sentimento de empatia muito grande pelos povos indígenas.

Senti-me como se eu fizesse parte daquele povo e despertou em mim um desejo muito grande de estudar com mais detalhes e fundamentação a cultura e a escola dos indígenas. E, desde então vou a todas as visitas técnicas na companhia e apoio do professor Witembergue Gomes Zaparoli, que é o organizador destas, pesquisador e membro batizado da Aldeia São José dos povos indígenas Apinayé, e, agora meu orientador de monografia. Brandão (2007, p. 20-21) cita os aspectos educacionais vivenciados na aldeia, assim:

[...] esparramadas pelos cantos do cotidiano, todas as situações entre pessoas, e entre pessoas e natureza – situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura do grupo – têm, em menor ou maior escala a sua dimensão pedagógica. Ali, todos os que convivem aprendem, apreendem da sabedoria do grupo social e da força da norma dos costumes da tribo, o saber que torna todos e uns pessoalmente aptos e socialmente reconhecidos e legitimados para a convivência social, o trabalho, as artes da guerra e os ofícios do amor.

As visitas acontecem em abril por ocasião da comemoração do dia do índio, e em outubro no dia das crianças, onde levamos brinquedos e brincadeiras para festejarmos na escola com as crianças indígenas.

Os momentos e cada ida à aldeia me tornam ainda mais apaixonada pela docência, pelo ensino/aprendizagem e percebo o quanto tenho a aprender! Quanto mais convivo, leio e escrevo sobre os indígenas mais percebo que as aprendizagens são muito ricas, significativas e prazerosas. Certa vez meu esposo comentou comigo do “brilho nos olhos” que a ida à aldeia me proporciona e desde então não me questiona mais a respeito do que vou fazer na aldeia, apenas aceita, pois

percebe que este é o meu mundo e é isto que me faz sentir viva. Estou aguardando ansiosamente pela cerimônia do meu batismo e admissão como membro da aldeia, convite feito pela esposa do pajé, que me fez sentir muito honrada.

1.3 Uma residente ledora em meio ao processo de ensino/aprendizagem na modalidade remota

Em 01/11/2020 fui selecionada para o Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal de Imperatriz-MA-CCSST. O Programa de Residência Pedagógica (RP) promove-nos uma experiência de atuação em sala de aula via plataforma Geduc em escolas públicas de educação básica da rede municipal de Imperatriz/MA, sob a orientação do Docente Orientador Dr. Jónata Ferreira de Moura e do Preceptor Carlos Humberto Silva de Sousa em sua turma do 5º ano do Ensino Fundamental.

Neste contexto de pandemia pelo novo COVID-19, ficamos impossibilitados do contato presencial com a escola campo e conseqüentemente com o nosso público alvo, as crianças do 5º ano da Escola Municipal Madalena de Canossa. Assim atuamos de maneira *on-line*, via *WhatsApp* e na plataforma Geduc, especificamente na formulação, correção e acompanhamento das atividades do componente curricular de Matemática. Como determina o documento da universidade:

O residente elaborará planos de aulas e ministrará conteúdos escolares referentes ao tema do subprojeto, produzirá e ministrará oficinas temáticas, juntamente com o docente orientador, para professores da escola-campo, bem como oficinas para as crianças envolvidas no subprojeto, com acompanhamento do preceptor. (UFMA, 2020, p. 07)

O RP trouxe-me de maneira muito desafiadora a proposta de elaboração de aulas, atividades e acompanhamento não presencial de cinco crianças que estudam em uma escola pública municipal de Imperatriz. A proposta desta execução é que ela ocorra em duplas e eu tenho como parceiro nesta jornada meu companheiro de curso Raimundo Marques, que é deficiente visual, desta forma, preciso descrever de maneira detalhada a plataforma que utilizamos como ferramenta, os livros que servem de referência para nossas construções, inclusive a Base Nacional Comum Curricular de 2017 (BNCC) e tudo o que ele não consegue visualizar. Sou sua ledora no RP e no curso de Pedagogia como assim descreve a autora:

O leitor é o sujeito que lê para o cego. Ele é como um tradutor de textos codificados no verbal escrito para o verbal oral. Ao transformar em linguagem sonora o que apreende em códigos visuais, o leitor se constitui um mediador entre o autor do texto escrito e o leitor-ouvinte cego. (SOUZA, 2007, p.4)

Assim usamos fazemos uso do aplicativo *WhatsApp* e a plataforma *Geduc*¹, que apresenta bastantes falhas e limitações. O uso do *WhatsApp* tem sido muito importante para este contexto, pois aproxima-nos de nosso público de maneira virtual, onde podemos nos comunicarmos como assinala o autor:

Esse aplicativo favorece a docência e a aprendizagem em sala de aula presencial e online porque permite reunir interlocutores em bidirecionalidade, multidirecionalidade, comunicação síncrona e assíncrona, com troca de texto, áudio, imagem e vídeo, documentos em PDF e ligações gratuitas por meio de conexão com a internet. (PORTO, C. *et al*, 2017 p. 17)

Como tivemos um preparo consistente através dos momentos de estudos e ainda da partilha de conhecimentos nos minicursos da professora Dra. Cristiane Dias Martins da Costa, pudemos dimensionar que a educação ocorre de maneira efetiva desde que haja o empenho de quem a propõe, aliada a provocação do público alvo. Senti-me impactada com os saberes partilhados nos momentos nos minicursos, pois eles abriram horizontes principalmente no que rege a educação não presencial. Foi-nos exposto um leque de possibilidades de atuação que envolve posturas, jogos lúdicos, plataformas interativas que mesmo longe das crianças possibilitam o processo de ensino e de aprendizagem.

Assim partimos para a nossa regência no RP, que tenho o privilégio de partilhar com o Raimundo. A priori o Preceptor destinou um grupo de alunos para cada dupla ou trio acompanhar mais de perto, isso seria uma maneira de aproximação e de melhor desenvolver o trabalho com as crianças fora da sala de aula. Desse modo, foram-nos colocados cinco alunos para que pudéssemos acompanhá-los em suas atividades na plataforma *Geduc*.

Elaboramos o plano de aula contemplando os temas que nos foram direcionados dentro do componente curricular matemática. Particularmente foi muito desafiador, pois o Raimundo não consegue visualizar, então eu tenho que fazer a descrição dos conteúdos dos livros, pois ele precisa sentir-se incluso em todos os processos, para que pudéssemos fazer a seleção destes e a elaboração das

¹É um aplicativo disponível para smartphones, tablets, iPads com sistema Android e IOS, adquirido pela prefeitura de Imperatriz para o retorno das aulas na rede, só que de forma remota, em 03 de agosto de 2020.

atividades para enviar para o Docente Orientador fazer suas revisões, nos devolver, e assim fazemos os ajustes solicitados e após enviarmos para o Preceptor, que por sua vez posta na plataforma Geduc.

Os planejamentos e as aulas são orientados pelo nosso Docente Orientador que acompanhou de perto cada parte deste processo. Após isso elaboramos as atividades seguindo as orientações do Preceptor contendo questões discursivas e de múltiplas escolhas dentro da temática estudada, seguindo o seguinte princípio: três questões mais fáceis, três questões intermediárias e três questões mais difíceis.

A avaliação das atividades que os estudantes realizam acontece da seguinte maneira: faço uma chamada para o Raimundo, deixo ele informado que estamos entrando na plataforma, vou fazendo a leitura e descrição das questões e respostas das crianças que acompanhamos, após elaboramos juntos nossas notas e considerações de cada atividade que cada criança que acompanhamos fez.

O que mais nos aflige é quando nossos alunos não conseguem responder as atividades. Quando isso acontece partimos para ajudar esta criança, contudo encontramos limitações, pois tudo depende do empenho e da disponibilidade dos pais que infelizmente, na sua maioria, não dispõe de tempo para acompanhar o desenvolvimento educacional de seus filhos. Como os pais trabalham só conseguimos conversar com as crianças pelo *WhatsApp* quando seus responsáveis estão em casa e geralmente é à noite, momento em que temos aulas na Universidade, pois o horário dispensado por nós para acompanhamento do RP na escola, mesmo de forma remota, é no período matutino.

Foto 11: Integrante do Subprojeto



Fonte: <https://portalpadrao.ufma.br>

Entender-nos enquanto sujeitos em construção não consiste em tarefa simples. As minhas vivências são provas cabais de que sempre podemos modificar nossa realidade, entender nosso contexto e aprender cada dia um pouco mais. Não diferente dos povos indígenas sempre precisei acima de tudo de muita persistência na minha construção enquanto educadora e entendo que tenho além da ancestralidade indígena muitas situações em comum em meio a sociedade segregadora e elitista na qual fazemos parte. Em diversas situações percebo os olhares de reprovação por estar em um ambiente não comum para mulheres que possuem meu biótipo. Pois a grande maioria destas encontram-se nas lavanderias das grandes casas na área nobre de nossa cidade. Assim não satisfeita com a realidade que me foi imposta ressignifico estas vivências em vontade de apreender aproveitando cada situação que possa me proporcionar algum momento de ensino/aprendizagem.

Em consonância com os povos indígenas trago meu memorial para que este fique registrado e possa em algum momento ser de incentivo para quem degustá-lo e que o mesmo seja inspirador para mulheres que como eu não abandonem o sonho de uma carreira bem construída e de muito sucesso. Trago no capítulo que se segue uma pesquisa realizada com os povos indígenas Apinayé com quem tive o privilégio de estar e de aprender sobre indígenas com os próprios sujeitos indígenas em seu loco de vivências.

2 HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS COM O POVO INDÍGENA *APINAYÉ*.

O estudo da temática dada nos remete ao conhecimento de histórias de nossos povos desde a época da colonização até a atualidade. Entende-se que o âmbito de abrangência das histórias indígenas é imenso e diverso, requerendo de seus pesquisadores e simpatizantes uma base bibliográfica vasta que supra essa necessidade ou que a norteie de forma satisfatória.

Os povos indígenas brasileiros, ao longo da história, passaram e passam por momentos marcantes na tentativa de sua emancipação enquanto produtores de ciência e cultura dentro de uma esfera muito dinâmica e diversa, tanto no que se refere às linguagens maternas específicas de cada povo, como na maneira em que vivenciam sua religiosidade, dentre outras inúmeras especificidades.

A pesquisa destes povos, e da maneira simples e coesa como vivem, e se relacionam em suas aldeias, proporcionam-nos momentos de interação, convivência e aprendizagem imensuráveis, que somados a escritos bibliográficos, fazem com que adquirimos uma visão ampliada e a constatação das riquezas culturais e científicas contidas no seio destes.

Estes estudos nos colocam em confronto com as ideias que nos são disseminadas a respeito dos indígenas desde quando, nos são apresentadas, de maneira distorcida e tendenciosa nos livros didáticos de História, partindo da visão negativa que a sociedade nos dissemina desde muito cedo.

A pesquisa de campo fora realizada através das visitas técnicas à aldeia São José em Tocantinópolis, Tocantins. Já as leituras realizadas a respeito do povo *Apinayé*, nos proporcionaram momentos ímpares de interação com a coleta de dados para que fundamentemos de maneira satisfatória nossa aprendizagem, pois esta se dá de maneira constante e inacabada. Como afirma Paulo Freire:

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996, p.20).

Assim, a pesquisa visa somar de uma maneira autêntica e esclarecedora, na construção de uma visão do universo real destes povos, a partir de informações

observadas e fundamentadas que nos fazem refletir, enquanto pedagogos em construção, o que queremos que nossos educandos aprendam a respeito deste tema.

2.1 ENTRE AS ALDEIAS APINAYÉ

De acordo com Zaparoli (2016, p.36), a aldeia São José fica localizada a 18km do município de Tocantinópolis, Tocantins (TO), conflúente dos Ribeirões São José e Bacaba. Os *Apinayé* estão numa classificação de Timbiras Ocidentais, e sua característica mais marcante consiste em sua organização social, possuindo aldeias bastante populosas, embora na metade do século XX, tenham tido conflitos devido a invasão de famílias não indígenas nas suas terras, que foram cortadas na ocasião da construção da estrada da Belém–Brasília e da Transamazônica. Estes impactos acabaram desestruturando suas sociedades.

Outro fator que preponderou na dizimação de grande parte dos indígenas *Apinayé* foram os confrontos com militares e ainda contaminação de varíola por volta do século XVIII, como afirma o autor:

Em 1797, o governo do Pará funda, nas margens do Araguaia, o posto militar de São João do Araguaia, deflagrando uma luta sangrenta entre os *Apinayé* e os soldados da guarnição do posto. Os índios mataram quase todos os soldados; em 1817, os *Apinayé* foram vítimas de uma epidemia de varíola, proveniente de Caxias do Maranhão e espalhada pelo sertão afora pelos Canela (ALBUQUERQUE, 2007, p. 2000).

O nome *Apinayé* surge primeiramente em meados do século XVIII como “Pinaré” e “Pinagés”. Já pelos Kaiapós Stentrionais eram denominados como KENTUG: significando “pedra-preta” ou “serra-negra”, (NIMUENDAJU, 1956, p.8). São caracterizados pela força, pelas imensas lavouras de mandioca, dentre outras e pela habilidade de construção de embarcações, construídas de troncos de árvore que recebiam o nome de “ubá”, fato este muito peculiar, pois apenas os *Apinayé* dentre os timbiras tinham esta prática. Porém, com o passar do tempo e ainda ao recuarem mata adentro foram abandonando as navegações.

De acordo com (NIMUENDAJU, 1956 p. 10), por volta de 1928, o povo *Apinayé* dividia-se em quatro aldeias, sendo elas:

Mariazinha: localizada muito próximo ao Tocantins, houve relato de autores que contaram 1000 habitantes, depois passou a possuir 14 habitantes,

porém, atualmente só existem 6 pessoas, devido a vizinhança não indígena muito próxima.

Cocal: chegou a possuir 1400 habitantes, por volta de 1824, porém ao se misturarem com os Kaiapós, através de casamentos, foram decaindo, além da presença de vizinhos não indígenas que ocasionou um mal muito grande de maneira que a aldeia foi se desfazendo restando apenas um membro desta aldeia. A mistura com os vizinhos, a participação em suas festas e bailes, seduzidos pela oferta de comida a vontade, apagaram os costumes antigos daquela aldeia, o que culminou na perda total das terras para os vizinhos “festeiros”.

Gato-Prêto: Esta aldeia ficava por volta de 1928 as margens de um ribeirão denominado Riberão da Botica, tendo 61 habitantes. Mais tarde a aldeia, com o retorno de moradores, aumentou seu número de membros para 81. Mas seu chefe Pedro Corredor (Pebkob), enveredou pelo vício do alcoolismo afastando as famílias que foram para a Bacaba, plantando suas roças separadas, deixando de lado os costumes de outrora. Assim, restam apenas algumas poucas terras da aldeia Gato-Prêto. Conta-se também que em 1923, os índios de Gato-Prêto começaram a morrer de maneira misteriosa, fato que estes recorriam as ideias de feitiço. O líder da aldeia começou a suspeitar dos indígenas que eram agregados, assim autorizou que matassem dois Kaiapó que moravam na aldeia, porém as mortes continuavam acontecendo, Pebkob desconfiou então de um indígena Krahô, chamado Chico, e autorizou a execução deste, porém ele fugiu para a sua aldeia e incitou a aldeia Krahô contra os *Apinayé*, que vieram armados de cassetes e espingardas, saquearam aldeias, mataram os animais domésticos e destruíram suas plantações. Pebkob pediu socorro para os *Apinayé* que se refugiaram em Bacaba, porém estes se recusaram, obrigando os indígenas de Gato-Prêto a irem para a mata. Os indígenas Krahô acreditavam ter o direito de saquear, por conta do fundador de São Pedro de Alcântara que lhes imputou na mente a ideia do monopólio de saquear outras aldeias e caçar escravos, isto no século anterior. Como cita o autor:

Os Krahô saquearam a aldeia, mataram os animais domésticos que tinham ficado, e destruíram as plantações. Depois tentaram, se violência, roubar também a aldeia de Bacaba, pois, até hoje, se julga com o direito de saquear as outras tribos, desde que, no começo do século passado, receberam do fundador de São Pedro de Alcântara, a bem dizer, o monopólio para isto e para as caçadas de escravos (NIMUENDAJÚ, 1956, p.11).

Bacaba: Esta aldeia situa-se na confluência dos Ribeirões de São José e Bacaba, que passou de 800 habitantes em 1844 para 50 em 1928, tinha como chefe José Dias Matúk. A aldeia quase desaparecida da lista dos povoados indígenas. Esta decadência se daria por conta dos moradores não indígenas que chegavam mentindo na aldeia dizendo que o governo tinha vendido as terras indígenas para eles. Não obstante, já quase não se tinha mais aldeia, pois os vizinhos iam cada vez avançando na possível compra, sufocando assim os verdadeiros donos. Matúk resolveu procurar as lideranças governamentais da época, na tentativa de reaver suas terras, como afirma o autor:

Em 1927 resolveu fazer a longa viagem ao Rio para apresentar suas queixas ao Presidente da República, uma vez que na capital de Goiás não fora satisfeito. Em São Paulo, Matúk adoeceu gravemente e teve de voltar, recebendo, porém, algum auxílio do Serviço de Proteção aos índios. Apressadamente, desceu o Araguaia rumo às terras dos *Apinayé*. Por pouco chegava tarde demais. Durante a sua longa ausência a aldeia, sem chefe, decaiu rapidamente! Ninguém mais trabalhou, todos ficaram esperando ansiosamente a volta de Matúk (NIMUENDAJÚ, 1956, p. 12).

Chegando à aldeia quase completamente dispersada, desfeita por conta de comentários dos vizinhos não indígenas que afirmavam que Matúk havia sido assassinado, o líder reuniu toda a aldeia e deu uma festa do estilo dos “cristãos”, regada a violão, bebedeira e dança, na tentativa de dissipar a ideia de decadência, achando que o feito traria uma visão de imposição. Matúk acreditava que para manter sua aldeia ele precisava imitar os costumes dos vizinhos “cristãos”. Postura que não conseguiu manter por muito tempo, pois eram indígenas e isto era muito forte dentro de suas crenças e costumes.

É perceptível o quão nocivo foram os contatos dos não indígenas com as aldeias. O interesse por terras move as pessoas ponto de tentarem destruir um povo com toda a sua alegria, história, religião e aspectos culturais. Ao longo de nossa história enquanto nação sempre aprendeu conceitos distorcidos com relação ao povo indígena, assim nos diz Ribamar Bessa Freire:

As religiões indígenas também foram consideradas pelo catolicismo guerreiro, no passado, como um conjunto de superstições, o que é uma estupidez siderúrgica. Basta entrar em contato com as formas de expressão religiosa de qualquer grupo indígena, para verificar que essa visão é etnocêntrica e preconceituosa (FREIRE, 2002 p. 07).

Quanto aos espaços e grupos sociais, os *Apinayé* para Matta (1976, p. 61), organizam-se em três regiões consideradas por eles como essenciais no interior da aldeia: O pátio: *ingó* ou *mé-ingó*; a região das casas (*ikré*=periferia); a região que está em volta dos limites da comunidade (*atúk*=atrás).

As aldeias *Apinayé* são articuladas de maneira homocêntrica, contendo na maneira peculiar que fazem suas casas um forte significado. É um ponto de referência social que vai da aldeia ou centro, de acordo com a relevância. É um padrão bem fechado de povoamento de espaço. Enquanto que para os não indígenas é só construir sua casa depois da última, para os *Apinayé* tem que se analisar muito criteriosamente essa localização já que estas casas obedecem e precisam pertencer a um concentro.

Foto12: Estrutura da Aldeia



Fonte: Albuquerque (2008, p. 203)

Geograficamente as hierarquias se estabelecem e os opostos se definem. Assim o autor afirma:

Falar em sociedade *Apinayé*, implica para esses indígenas tomar a aldeia como ponto de referência e, posteriormente, fazer oposições entre grupos sociais e categorias, utilizando um eixo diametral ou eixo concêntrico. A ordem social é, pois, obtida pelas oposições e o dinamismo do sistema é dado pela passagem de uma a outra dimensão antitética (Da MATTA, 1976 p. 67).

Desta forma, percebemos que tudo na aldeia *Apinayé* é carregado de muita simbologia e significados que precisam ser analisados para que possamos dimensionar a riqueza de detalhes característicos deles.

De acordo com Albuquerque (2007), os povos *Apinayé*, tem sua vida cotidiana dividida em dois grupos: família nuclear: marido, mulheres e filhos; família extensa *uxorilocal*: casal, maridos e os filhos de suas filhas.

Segundo Da Matta (1976 p. 68), há sempre uma família nuclear em cada casa e entre o povo *Apinayé* não é permitido a construção de casas para os solteiros da aldeia. Assim, no seio da família nuclear as produções na terra são feitas já se pensando nos filhos e, conseqüentemente, na família que estes constituirão.

Na aldeia São José e Mariazinha, há mais famílias extensas do que nucleares, assim os homens deixam suas aldeias onde nascem para os maridos de suas irmãs. O contrário da família extensa que vai crescendo na medida em que os casamentos ocorrem, na nuclear a parte feminina é a base, prevalecendo os laços matrilineares (mãe-filha). Assim, como na aldeia tem um lado cotidiano e outro privado, nas casas isso também se repete.

A parte da frente (*ikré-kapême*) da casa pertence a toda a aldeia é diretamente ligada ao pátio central para que os rituais ocorram. Já a parte dos fundos (*ikré-katud-lé*) é onde ocorrem as trocas de comida, onde o arroz é pilado, descascado a mandioca, quebra do coco babaçu e extração do óleo.

As atividades ocorrem em espaços muito bem divididos e definidos no seio do povo *Apinayé*. Este constitui apenas detalhe do que realmente ocorre no meio destes indígenas que cada vez mais deixa nossa curiosidade aguçada, pois cada espaço e simbologia requer uma análise profunda a luz e fundamentação de vários autores para melhor assimilação dos fatos.

2.2.A ESCOLA NO MEIO APINAYÉ

Na visão de Brandão, a escola seria algo muito desnecessário no seio do povo *Apinayé*, pois:

Nas aldeias dos grupos tribais mais simples, todas as relações entre a criança e a natureza, guiadas de mais longe ou mais perto pela presença de "adultos conhecedores, são situações de aprendizagem. A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa. São também situações de aprendizagem aquelas em que as pessoas do grupo trocam bens materiais entre si ou trocam serviços e significados: a turma de caçada, no barco de pesca, no canto da cozinha da palhoça, na lavoura familiar ou comunitária de mandioca, nos grupos de brincadeiras de meninos e meninas, nas cerimônias religiosas (BRANDÃO, 1981, p. 07).

Nesta linha de compreensão Zapparoli (2016, p. 95) enfatiza que a necessidade de aprendizagem da leitura e escrita da Língua Portuguesa foi o que levou os indígenas para a escola. Na mentalidade dos não indígenas a escola é o espaço de aprendizagem, porém para o indígena poderá ocorrer alguma aprendizagem, não tanto quanto ocorre nas suas vivências na aldeia. Ao longo dos tempos percebemos que desde a colonização, as escolas foram espaços utilizados para a imposição principalmente de uma religião que não condizia com os hábitos dos povos indígenas, suprimindo aos poucos, sua identidade, na tentativa de transformá-los em "civilizados".

Para muitos estudiosos da área antropológica a escolarização do povo *Apinayé* tem contribuído de maneira negativa, no sentido de que, a medida que vão mantendo contato com a sociedade não indígena, vão aos poucos perdendo sua identidade cultural e linguística.

Ora analisemos, pois o que fazemos nas escolas, como nos relacionamos com os demais neste espaço. Saímos do individual para aprendermos a conviver na coletividade, nos trabalhos em grupo. Na sociedade indígena isto ocorre sempre, como pode ser visto a partir das ideias supracitadas sobre as divisões na aldeia e de como os índios são bastante organizados nas suas funções e subdivisões.

Assim, os indígenas aprendem com os mais experientes desde a infância, brincando nos espaços da aldeia e quando adultos assumem os lugares de seus pais, seus avós com muita naturalidade e isto é educação. Já o não indígena busca a educação nos espaços escolares. Assim, a existência da escola generalizada e descontextualizada sem considerar as especificidades de cada povo, cada região, a torna desinteressante e desnecessária no seio indígena. A escola da aldeia deve ter como eixo norteador de sua prática a conservação e afirmação da cultura indígena, com professores indígenas que fazem parte da comunidade, construindo juntos seu próprio Projeto Político Pedagógico, a partindo da escuta.

Ouvindo a liderança indígena e tentando aproximar ao máximo sua prática com o que se espera dela. A educação escolar indígena, de acordo com Zapparoli (2016), deverá fornecer-lhes meios de entender o que os não indígenas articulam, já que estes compõem sua circunvizinhança e em algum momento ou outro, esta conversação em igualdade de entendimento será necessária.

Os povos indígenas *Apinayé*, ao longo de sua história, são sobreviventes de uma sociedade que quer a qualquer custo que sejamos iguais. Trazemos estes ranços historicamente, na medida em que se chegou às terras brasileiras impondo aos indígenas a necessidade de uma “civilização”, da adoção da Língua Portuguesa e de uma religião completamente desconhecida. A cada contato com os não indígenas as consequências eram muito devastadoras e cruéis para este povo, que perdia, aos poucos, sua própria identidade. Em nenhum momento da história se parou para observar o quanto seria desnecessária uma escolarização que dizimaria todo o acervo cultural que estes povos dispõem.

Ainda são muitos pormenores a serem pesquisados, pois é um povo cheio de muitas especificidades peculiares. Deixo aqui registrado minha admiração e respeito aos indígenas *Apinayé* que pretendo estreitar laços de amizade, pois sei que tenho muito a aprender com eles.

3. RELATÓRIOS DAS VISITAS TÉCNICAS Á ALDEIA SÃO JOSÉ DO POVO INDÍGENA APINAYÉ

I VISITA - DIA 12/10/2017

Minha primeira Visita a aldeia foi bem impactante, pois dissipou completamente a ideia equivocada que tinha com relação aos indígenas. A princípio vê-se que são famílias extensas dividindo o mesmo espaço. Primeiro eu era discente da disciplina de Fundamentos Antropológicos, estava no segundo semestre: 2017.2 tudo era novo e nem imaginaria como o contexto da aldeia mexeria tanto comigo. O docente era Witembergue Gomes Zaparoli que nos lançou a proposta do “Brincar na aldeia”. Preparamo-nos e o professor sugeriu que levássemos um frito de frango para nos alimentarmos, organizamos também materiais para as atividades que seriam realizadas com as crianças, bem como roupas, calçados, e material escolar para doações devido a situação de vulnerabilidade financeira das famílias.

O ônibus sairia às 6 horas da manhã do pátio da UFMA e assim ocorreu. Quando cheguei em casa na noite anterior, cansada do dia, adormeci e perdi a hora. Ao despertar, não daria mais tempo de fritar o frango. Então liguei para o professor que me orientou a levá-lo assim mesmo. E seguimos viagem, chegando a aldeia fomos para a escola, onde todos os indígenas estavam a nossa espera. Foram diversas atividades realizadas, jogos, brincadeiras e desenhos. Até o meio dia. No finalzinho das atividades fui direcionada a casa dos padrinhos de Witembergue para fritar o frango. A priori achei que utilizaria fogo a lenha, já que eram indígenas e para meu espanto, levaram-me para uma cozinha com fogão a gás, geladeira, freezer. E assim percebi que não conhecia mesmo o contexto indígena.

A família daquela casa encontrava-se toda reunida assistindo televisão na sala, e para meu espanto o almoço estava pronto dentro do fogão. Enquanto eu fritava o frango, eles vinham faziam seus pratos, conversavam comigo e convidavam-me para almoçar com eles. Receberam-me muito bem e com muita simpatia, demonstrando assim o carinho que tinham pelo projeto de pesquisa do professor Witembergue.

Foto13: Escola da aldeia São José.



Fonte: Arquivo Pessoal



Fonte: Arquivo Pessoal

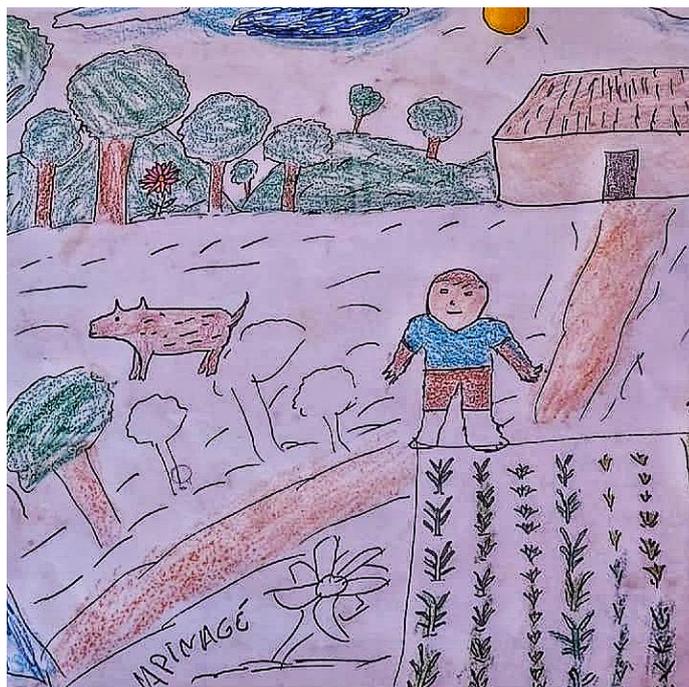
Após este momento almoçamos, de maneira coletiva, nos confraternizamos e fomos tomar café no “padrinho” Orlando e banho frio no riacho.

II VISITA- ABRIL DE 2018

Esta visita como de costume organizamos materiais escolares como cartolina, lápis de cores, tinta guache, lápis, canetinhas hidrocor. Além do material das atividades como balões coloridos, barbante, dentre outros.

Fizemos brincadeiras com as crianças de maneira bastante lúdica e descontraída. Proporcionamos um momento ímpar de pinturas onde colocamos as cartolinas nas paredes e deixamos as crianças criarem desenhos livres. Elas desenharam vários cenários sempre com o desenho do porco do mato, que é um animal do qual eles alimentam-se e que crescem naturalmente ao redor de suas casas.

Foto14: Desenho de uma criança Apinayé



Fonte: arquivo pessoal

Destas atividades saíram muitas paisagens umas com casas, outras somente com plantações e outras com casas e plantações no mesmo cenário. Mas todas tinham um porco do mato nem que fosse a um cantinho. Terminado este momento tivemos algo que deixou os indígenas muito encantados que foi a ideia de levarmos uma máquina de algodão doce para o pátio da escola Mātuk. Os olhos das crianças quase saltaram ao virem aquela máquina funcionando e saindo aquele doce tão colorido e gostoso!

A fila não acabava e a expressão de curiosidade pôde ser contemplada nos olhares atentos das crianças indígenas. Então quando as crianças saíram da fila, foram os adultos que também queriam experimentar aquele doce. Entraram na fila e experimentaram. Foi incrível para todos! Conforme podemos ver:

Foto15: Escola da aldeia São José semana do brincar

P
rofº
Doutor
Witemb
ergue
Zaparoli
Criança



s Apinayé

Men
inas
Apin
ayé
Carl
a(



convidada).

Fonte: arquivo pessoal

III VISITA - OUTUBRO DE 2018

O dia das crianças Apinayé estava todo articulado. Como de costume fomos a aldeia, para a escola Mãtyk munidos de materiais escolares, roupas, calçados e alguns gêneros alimentícios que compoem a cesta básica. Estes alimentos são mais difíceis de adquirir na aldeia, então arrecadamos, e levamos para a distribuição. Preparamos as brincadeiras, o lanche e conseguimos um pula-pula. Realizamos as atividades e montamos o pula-pula e o ofertamos as crianças.

No início ficaram meio tímidos, porém quando descobriram o que o brinquedo fazia, em polgaram-se e pularam até cansarem. Formavam filas quilométricas de

crianças pequenas, maiores, jovens e até os adultos. Pularam até o pula pula arrebentar. Foi muito especial contemplar a alegria daquele povo tratado com tanto descaso por nossos governantes.

Quando estamos na aldeia, as mulheres nos ofertam seus artesanatos fabricados com sementes, miçangas, cabaças. Sendo estes: brincos, pulseiras, colares, bolsas, dentre outros. É nos ofertado também, a pintura corporal a base de leite de jenipapo e urucum. Esta pigmentação tem desenhos específicos de cada povo e no contexto Apinaye, representa a divisão de povos.

IV VISITA - ABRIL DE 2019

Apresentações culturais:

O coordenador pedagógico fez os agradecimentos, chamou o gestor indígena Davi que falou na sua língua materna, chamou o professor Doutor Witembergue Gomes Zaparoli que atentou quanto a riqueza de estar "in loco", na aldeia. Davi colocou sua mãe como líder na aldeia, Dona Teresinha que ele enfatizou ter uma grande importância para o seu povo, colocando-a em local de destaque, utilizando o termo "ancião".

Encontramos todos os indígenas pintados em dia festivo, a escola toda decorada com as pinturas que eles mesmos produziram.

O momento de apresentações iniciou-se com a indígena Isadora recitando a poesia **Vida de índio**. Isadora leu o poema em Português e com fluência. Logo apresentou a "rima de índio", leu em Português, Ivone apresentou uma leitura informativa sobre a importância do dia do índio.

Apresentação da turma do 1º ao 5º ano:

O coordenador pedagógico indígena ficou dando às instruções básicas as crianças das apresentações na língua materna Apinayé.

As atividades que foram desenvolvidas no decorrer da semana, na proposta indígena e curricular comum, de forma bilíngue uma música que coloca a cultura e linguagem indígena em português: "Se o índio falou tá falado".

Apresentação do primeiro ano, "Um, dois, três indiozinhos com uma canoa confeccionada em papelão e pintada com tinta guache. E entraram sete crianças indígenas pintadas.

Outra apresentação intitulada **Vida de Índio**, lida em Português, colocando o dia a dia indígena, o que fazem e sua rotina, em rimas. Ainda apresentando o 6º e 3º ano: "índios do Brasil."

Aqui o 19 de abril realmente faz sentido ser lembrado, pois trata-se deles próprios, uma aula com propriedade e verdade. Dançou-se uma linda coreografia, falando das matas e da sacralidade dos povos, bem como a resistência do povo indígena brasileiro. Cantaram: "Todo índio do Brasil": "Cinco séculos de exploração e ainda resistimos". Lindas as apresentações!

Foto16: Apresentação dos alunos indígenas na escola da aldeia São José semana do brinca.



Fonte: Folha do Bico

Rap do Apinayé, falou da luta do povo, e chamou a atenção de toda a plateia indígena, que ficaram muito atentos a letra e a melodia ali expostas, impossível não se envolver! Emocionada fiquei com a beleza das apresentações, única e própria do povo indígena, mostrando a capacidade que eles têm de rimar problematizando temas reais de suas vivências com o ritmo do rap. Eles dançaram a música *Brincar de Índio*, orientados por professora não indígena, o que deixou o nosso orientador um pouco incomodado.

Atividades no campo

Enquanto um indígena Apinayé cantava, aconteciam as atividades culturais no campo, sendo estas:

- **Arremeço de lança:**

Várias etnias indígenas conhecem esse armamento, possuindo técnicas diferentes de confecção das lanças. O fabrico de cada lança depende da finalidade a que se destina. Comprimento, ponteiros de ossos, pedras ou mesmo madeiras mais duras, como a arueira ou pau de ferro são avaliados. Na tradição indígena, é usada para caça, pesca (arpão) ou para defesa em um ataque de animal feroz.

- **Corrida de perna de pau;**

Nas aldeias, é só pegar na mata, troncos altos e retos com forquilhas nas pontas, onde se apoia o pé. O desafio é ver quem consegue ir mais longe sem cair!

- **Corrida de toras**

Apenas homens participam nesta modalidade, dirigida e observada por pelo menos cinco juízes. Os inscritos de cada família, divididos em equipes de 10 atletas e três reservas, devem dar duas voltas completas na arena.

Na preparação de corte dessa madeira, há um ritual de cantos e danças. A madeira é derrubada e cortada em duas partes, em forma de cilindros em tamanhos iguais. Nas extremidades da tora é feito um tipo de cava para que possa facilitar seu carregamento. As toras possuem tamanhos variados, de acordo com o ritual a ser realizado, pesando de 02 a 120 quilos. Muitas toras são “guardadas” dentro do rio para que seja absorvida mais água e, assim, fiquem mais pesadas.

- **Revezamento (atletismo)**

Os indígenas sempre se interessaram em trabalhar seu preparo físico. Com isso, tornam-se verdadeiros competidores, adaptando-se e aprendendo, com a natureza, a caçar e pescar, percorrendo grandes distâncias, travessando lagos e rios em busca de alimento. O exercício físico é parte do dia a dia das aldeias. Tradicionalmente, o povo pratica o Akô (corrida de varinha), em que duas equipes de atletas realizam a corrida de velocidade em círculo, em revezamento de quatro, cujo bastão é uma varinha de bambu.

Todas estas atividades foram realizadas das 07h30min as 12h00min da manhã, as apresentações ocorreram no pátio da Escola Mãtyk, e as atividades físicas no campo da aldeia São José. Todos puderam participar indígenas e pesquisadores. Tivemos também um momento do lanche que preparamos

anteriormente para as crianças indígenas e servimos na cantina da escola, alguns adultos também lancharam. Terminadas estas atividades fomos para o almoço, onde todos os presentes expuseram seus pratos (anteriormente preparados) em uma mesa coletiva no pátio da escola. Alguns indígenas também almoçaram conosco. Findados estes momentos fomos tomar banho no riacho de água gelada e relaxante socializando nossas descobertas, com as crianças indígenas brincando ao nosso redor.

Foto17: Crianças indígenas brincando no rio da aldeia.



Fonte: Folha do Bico

Relatório Visita Técnica- Outubro de 2019

Preparamo-nos conforme as instruções do professor Witembergue Zaparoli, cedinho, pegamos o ônibus da universidade e fomos para a escola Mãtyk, organizados em equipes com diversas atividades de recreação e de ensino/aprendizagens lúdicas. Dividimo-nos em equipes onde cada equipe ficou responsável por uma atividade. Tivemos aquele momento no pátio, com as falas de agradecimento do gestor Davi, do professor Witembergue.

A então coordenadora do curso de Pedagogia Herli de Souza Carvalho nos fez companhia nesta visita. Após isto, todos juntos fizemos umas coreografias com o professor Charles de Açailândia. As crianças executaram os movimentos sem nenhuma dificuldade de forma muito divertida. Findados estes momentos, os grupos de atividades organizaram-se em diferentes espaços para que as atividades lúdicas acontecessem.

Desta vez as arrecadações fizeram parte da “Feirinha”, onde as crianças indígenas manuseavam cédulas de dinheirinho para conseguirem adquirir seu objeto de desejo. E assim eles tiveram a oportunidade de participarem de todas as propostas de atividades, organizadas em locais diversos na escola.

Como de costume realizamos nosso almoço coletivo na escola, com alguns indígenas e seguimos para o famoso café na casa do padrinho Orlando, e o banho refrescante de riacho. Seguem as imagens:

Foto18: Brincadeiras com as crianças indígena na semana do brinca.



Coreografia coletiva



Estoura bexiga



Tapete mão e pé Teia ou labirinto



Teia



Pintura corporal



Tapete formas geométricas



Almoço



Coreografia

“Feirinha”



Leve o copo



Fonte: arquivo pessoal

No riacho com Laynna e Sheila

Foto19:Escola Estadual Indígena Mãtyk



Fonte: arquivo pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Datado de março de 2017, o fim de uma vida sem pesquisa, sem leitura, sem produção de artigos, sem publicações. Foi nesta data que tive o privilégio de adentrar os portões da Universidade Federal do Maranhão, como discente. Temerosa, achei que não seria aceita, por razões que eu mesmo criara na minha mente. Eu jamais imaginaria o que me aguardava naquele espaço tão desejado por uns e menosprezado por outros.

Não posso afirmar que foram cinco anos fáceis, ainda mais para alguém que passou mais de 10 anos sem estudar. Tudo era desafiador, desde o simples

deslocar-me da minha casa deixando meus filhos, até entender o que dizia Emile Durkheim na disciplina de Sociologia. Desespero mesmo foi perceber que minha vida seria esse avalanche de complexidades que me levariam a reflexão e consideração dos contextos.

Passado o primeiro espanto, situei-me e entendi que tinha que debruçar-me nos textos, livros da biblioteca, rascunhos de um professor, de um colega mais experiente, não importava de onde viesse os conhecimentos eu tinha que entender, e este entendimento no meus contexto seria algo construído madrugadas a fio sentada lendo e escrevendo.

Nestas idas e vindas de disciplinas encontrei-me no segundo semestre com Fundamentos Antropológicos. Autores incríveis de difícil entendimento, um professor que mudou a sua disciplina de dia para que eu a cursasse. Debrucei-me com vontade, muita leitura e uma proposta de visita técnica á aldeia indígena, pronto! Foi o suficiente. Tudo o que eu sabia até então não era verdadeiro!

Encontrei-me com um povo lindo, castigado por uma série de acontecimentos marcados no contexto brasileiro com a chegada dos portugueses ávidos pela conquista de riquezas e territórios. Este castigo dura até a atualidade de acordo com PEREIRA(2020) *e ao longo dos anos vão se intensificando numa avalanche de genocídios, etnocídios, trabalho escravo e uma série de mazelas que vão dizimando os povos indígenas.*

O pouco que ainda resta, resiste bravamente lutando para ser visto como sujeito de direito, principalmente do direito a vida. É inadmissível o que nossos governantes têm feito com os povos indígenas. Não dá para ficarmos apenas contemplando até o questionamento da condição humana de nossos antepassados indígenas. O meu encontro na pesquisa e extensão com os povos indígenas Apinayé foi um verdadeiro presente.

Aprender convivendo no contexto da aldeia, trouxe-me uma visão completamente diferenciada das imagens e ideias dos livros didáticos e do que costumeiramente propaga-se na sociedade brasileira sobre os povos indígenas. Através da extensão, confrontei o texto e percebi o que há nas entrelinhas. A ideia negativa dos povos indígenas é útil, pois quem dará importância quando se expulsa um povo que "impede" o crescimento e acúmulo de riquezas?

É esta ideia enganosa que impera, porém convivendo com o povo Apinayé vi que a única coisa que precisam é serem vistos como pessoas de direitos. São

indígenas, têm linguagem própria, costumes específicos, famílias numerosas, respeitam as mulheres de suas aldeias, seus idosos e suas crianças. Assim como qualquer pessoa estudam, trabalham, tem suas necessidades como todo ser humano. Possuem roupas, calçados, celulares, carros, motos e o que for necessário para facilitarem seu dia a dia.

Nos auto intitulamos evoluídos, porém quando o assunto são pessoas indígenas, não conseguimos admitir que vivam usufruindo das tecnologias e utensílios domésticos para a facilitação dos afazeres diários. Se uma máquina de lavar facilita a minha vida com três crianças, imagina a de uma mulher indígena com oito.

Minha graduação tem ensinado-me além de conhecimentos científicos, a consideração do outro como pessoa cheia de saberes, que sempre traz algo que pode acrescentar em minha existência e na minha contínua construção. Tenho uma dívida eterna com o povo Apinayé que muito me ensinou e sempre me recebeu no seio de sua aldeia com muito carinho.

O arcabouço teórico, de uma docente que teve o privilégio de vivenciar a extensão na aldeia é algo imensurável e bastante consistente. Tudo é muito bem construído, vivido in loco.

Ao meu orientador Prof^o Doutor Witembergue Gomes Zaparoli, se todos os dias eu fizer algo em retribuição o farei pouco. A palavra que me define é gratidão aos povos indígenas por partilharem tantos conhecimentos e vivências únicas que ficarão para sempre guardadas em meu coração. E ao meu querido orientador, por ter aceitado irmanar-se comigo nesta busca constante e por ajudar-me nesta auto construção.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE ,Francisco Edviges. *Os Apinayé: informações sócio-históricas*. Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v.4, n.2, p.199-219, dez. 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Que é Educação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. 116 p.

FREIRE, J.R. Bessa. *A herança cultural indígena: quem são os herdeiros? – Políticas públicas de Cultura do Estado do Rio de Janeiro*. Rio. Sirius/FAPERJ. 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATTA, Roberto Da. *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*. Petrópolis: Vozes, 1976.

NIMUENDAJU, Curt. *Os Apinayé*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.

SILVA D; ALBUQUERQUE F; SILVA P H.A *Descrição das Aldeias do Povo Apinayé: uma análise do letramento indígena*. IX JICE 2018.

ZAPAROLI, Witembergue Gomes. *EDUCAÇÃO ESCOLAR APINAYÉ: Tradição oral, Interculturalidade e Bilinguismo*. Tese de doutorado apresentada a Universidade Federal do Tocantins- UFT, 2016. 300 fls.

